



# Diálogos

ISSN 2177-2940



## Obras e “reminiscências médicas” de Pedro Nava

 <https://doi.org/10.4025/dialogos.v27i2.61579>

Maria Alice Ribeiro Gabriel

 <https://orcid.org/0000-0003-0256-1306>

Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Uberlândia-MG, BR

E-mail: avmarg@hotmail.com

---

### Works and “Medical reminiscences” of Pedro Nava

**Abstract:** Many scholars have highlighted the richness of Pedro Nava’s Memoirs and writings on Medicine as being culturally important, pointing to the complexity of narrative postures taken by the Brazilian memoirist. Describing aspects of historical and literary prose employed by the author, this study discusses how Pedro Nava made use of an epistemological paradigm in order to express his view on medicine in his writings as medical historian and memoirist.

**Key words:** Pedro Nava; History of Medicine; Memoirs.

---

### Obras y “reminiscencias médicas” de Pedro Nava

**Resumen:** Muchos estudiosos han destacado la riqueza de las Memorias y primeros escritos de Pedro Nava sobre medicina como de importancia cultural, señalando la complejidad de las posturas narrativas adoptadas por el autor de memorias brasileño. Describiendo aspectos de la prosa histórica y literaria empleados por el autor, este estudio analiza como Pedro Nava hizo uso de un paradigma epistemológico para expresar su visión de la medicina em sus escritos como historiador médico y autor de memorias.

**Palabras clave:** Pedro Nava; Historia de la Medicina; Memorias.

---

### Obras e “reminiscências médicas” de Pedro Nava

**Resumo:** Muitos estudiosos têm destacado a riqueza das Memórias e escritos de Pedro Nava sobre medicina como sendo culturalmente importantes, assinalando a complexidade das posturas narrativas adotadas pelo memorialista brasileiro. Descrevendo aspectos da prosa histórica e literária utilizada pelo autor, este estudo discute como Pedro Nava fez uso de um paradigma epistemológico para expressar sua visão sobre a medicina em seus escritos como historiador da medicina e memorialista.

**Palavras-chave:** Pedro Nava; História da Medicina; Memórias.

Recebido em: 18/11/2021

Aprovado em: 28/03/2023

O “médico cearense Dr. José Pedro da Silva Nava e a mineira D. Diva Mariana Jaguaribe Nava” casaram-se a 14 de junho de 1902, em Juiz de Fora, Minas Gerais. Primogênito de cinco filhos, Pedro Nava nasceu em 5 de junho de 1903. Faleceu aos 80 anos, a 13 de maio de 1984, deixando um projeto literário incompleto. Em 1981, entrevistado por Lourenço Dantas Motta, ponderou a repercussão de seus escritos conciliando-os ao exercício de sua vocação:

Eu tive uma vida médica muito intensa. Fui professor de mais de uma faculdade, sou membro da Academia Nacional de Medicina, tive uma atividade clínica muito grande. Posso dizer hoje - porque já passou - que fui

## Maria Alice Ribeiro Gabriel. Obras e “reminiscências médicas” de Pedro Nava

um médico de sucesso no Rio de Janeiro. E não gostava que suspeitassem da arte literária em mim, achando que isso prejudicaria a imagem do médico. E prejudica... Existe sim, esse preconceito e foi usado contra mim. Os meus colegas têm a gentileza de espalhar que eu não cuido mais de medicina, que só cuido de literatura, que sou só um literato... Foi o exercício médico, não a medicina que me afastou da literatura, porque sou médico em qualquer circunstância. As minhas memórias são cheias de reminiscências médicas. Sente-se ali que o médico está falando. O meu processo é um processo clínico... A descrição dos tipos, por exemplo. Aprendi a olhar, a ver como médico. Temos de usar nossos sentidos de uma maneira absoluta, de tirar deles tudo o que podem render. Modéstia à parte, sei observar... Não dissocio o médico do literato, não dissocio nada na minha obra. Tenho uma obra escrita em medicina, que é muito grande. São cerca de 300 trabalhos publicados... Estou encadernando esses trabalhos e já tenho dois volumes que vou dar ao Museu de Literatura para os críticos verem se escrevo bem como médico, como eles dizem que escrevo como literato. Não creio que eu escreva bem, pois estou sempre modificando o que faço. Cada nova edição minha que sai é mudada. Nunca estou satisfeito com o que faço. (NAVA, 1981).

Reconhecido pela excelência de sua obra memorialística, “Pedro Nava é um dos grandes escritores brasileiros contemporâneos”, conforme definiria o crítico literário Antonio Candido (1987, p. 60), algum tempo após a publicação do quarto volume das Memórias.<sup>1</sup> Mas antes de consagrar-se à literatura, já sexagenário, Pedro Nava edificara sólida reputação como médico e conferencista em sua especialidade, a reumatologia; havia escrito quase 300 artigos científicos, duas coletâneas de ensaios e vários textos sobre a história da medicina, entre eles, “A medicina de *Os Lusíadas*”, que lhe valeu do governo lusitano uma condecoração em 1961.

A riqueza temática dos escritos e Memórias de Pedro Nava (2003c, p. 40) estende-se, das “abusões de uma medicina fabulosa, irreal e absurda”, ao exercício profissional “com espírito de fino humanista”. Pesquisador criterioso e cronista com espírito de reflexão original, Pedro Nava referiu com acuidade “concepções da filosofia platônica, pitagórica e aristotélica”; influências de origem europeia, oriental ou regional; “conhecimentos difundidos pelo árabe”, por “doutores judaicos” e cristãos-novos da Península Ibérica fixados na colônia; a “tradição hipocrática e galênica”; perfis biográficos, correntes de pensamento, instituições e fatos que marcaram uma era. Assim, parte do interesse atual pelas Memórias de Pedro Nava (1976, p. 199-201), sobretudo por *Chão de Ferro*, deve-se ao vívido retrato “da pandemia gripal de 1918 (...) Pois sínoco de catarro, influenza, gripe ou como queiram chamá-la”, ele a referiu citando a “literatura médica”; suas lembranças na condição de paciente e testemunha; dados concretos de “surtos epidêmicos” “da Europa à América”; “notícias dos horrores por que passava o Rio de Janeiro naquele período terrível” e medidas adotadas pela política sanitária de Carlos Chagas.

1 É convenção entre estudiosos dos escritos literários de Pedro Nava designar por Memórias o conjunto formado pelas obras literárias em prosa: *Baú de Ossos* (1972), *Balão Cativo* (1973), *Chão de Ferro* (1976), *Beira-Mar* (1978), *Galo-das-Trevas* (1981), *O Círio Perfeito* (1983) e *Cera das Almas* (2006), de publicação póstuma.

Muitos estudiosos têm ressaltado a complexidade do discurso memorialístico, quando o autor pode ser ao mesmo tempo participante e comentador da narrativa do passado. Ao analisar a contribuição das Memórias para a história da medicina brasileira, a Professora Vanda Arantes do Vale (2007, p. 77) assinalou o enfoque de Pedro Nava como: “[...] ator social de destaque em fatos e acontecimentos que mostraram e apontaram para questões sociais brasileiras que foram discutidas no período” entre o final do século XIX e a década de 40 do século XX. Mas Pedro Nava (1981, p. 385) deteve-se ainda na descrição de perfis e no relato de procedimentos habituais de “[...] clínicos, cirurgiões, especialistas, médicos do interior, médicos da cidade e professores” célebres ou que, não obstante o quase anonimato, estão conectados às origens da moderna “Medicina do Brasil” pelo exercício da profissão, por certa herança intelectual e pela fidelidade a paradigmas de comportamento ético, traços distintivos de um modelo específico: “esse *en theus*, esse deus de dentro”, correspondente, em *Balão Cativo*, ao erudito humanista.

Vinculando a noção de *autorictas* a esse modelo de erudição, este artigo tem por objeto de estudo a historiografia médica na obra de Pedro Nava, investigada a partir da pesquisa histórica, de entrevistas, relatos biográficos e autobiográficos. O objetivo é demonstrar que as alusões à história da medicina, sobretudo nas Memórias, formam um arquivo interdisciplinar, com testemunhos, fontes bibliográficas e documentais de informes valiosos para a história da medicina brasileira na sua variedade de expressões, sejam estas de ordem oficial ou popular. Nesta análise foram observados: o estilo de escrita híbrido de Pedro Nava; o discurso usado para reportar-se à medicina; e o modelo epistemológico que fundamentaria sua “prosa médica”.

A divisão deste estudo corresponde à sequência de tópicos referida. A seção referente ao estilo de escrita inventivo do autor apoia-se em estudos de Celina Fontenele Garcia (2001; 1997) e Joaquim Alves de Aguiar (1997; 1998; 2007). Reflexões de Machado de Assis (1978), Walter Benjamin (1987), Remo Bodei (2014; 2018) e Sheila Dias Maciel (2013) respaldam a questão dos discursos histórico e memorialístico. A seção seguinte aborda aspectos literários e influências de disciplinas do campo médico nesses discursos, segundo obras de Davi Arrigucci Jr. (1987), Antonio Candido (1987), Geraldo Guimarães da Gama (2003), Melânia Silva de Aguiar (2003), José Anderson Freire Sandes (2011), Eliane Vasconcellos (2001; 2018) e Edina Panichi (2011; 2021). Na terceira seção, apontamentos de Paulo Penido (1998), Raluca Soreanu (2018), Renato Mezan (2019) e Vasconcellos permitem relacionar o Anfiteatro ao modelo epistemológico e profissional cultivado por Pedro Nava. Assumindo caráter conclusivo, a parte final deste estudo analisa a presença desse modelo nos escritos de Pedro Nava sobre medicina.

### **Traços históricos e memorialísticos da escrita médica de Pedro Nava**

*Baú de Ossos*, tomo inicial das Memórias, concilia gêneros diversos ao narrar o passado, alternando, entre os planos biográfico e autobiográfico, passagens com teor de anedota, conto popular, comentário digressivo, crônica histórica, ensaio e novela biográfica. Em entrevistas, ao expor seu método composicional, o autor sempre destacou que o prisma do médico revestia tanto seus escritos de teor histórico quanto os literários, predominantemente memorialísticos.

As Memórias encerram dados históricos resultantes de longa pesquisa multidisciplinar sobre a medicina. Alguns artigos, conferências, discursos e ensaios foram publicados em coletâneas e outros em separatas das revistas *Brasil Médico Cirúrgico* e *Rassegna Médica e Cultural*. “Medicina e Humanismo” (1946), *Território de Epidauro* (1947), *Capítulos da História da Medicina no Brasil* (1948), “Aloysio de Castro, o Gentil-Homem da Medicina Brasileira” (1959; 2004a), “A Medicina de *Os Lusíadas*” (1961) e “Rio 400 Anos de Medicina”.

Desde logo, o leitor pode reconhecer nas Memórias aspectos metalinguísticos, fontes e influências norteadoras. Convém acrescentar que Pedro Nava alude a conceitos, discursos e documentos próprios da cultura médica do Brasil colonial, republicano e contemporâneo. Para biografar “ilustres médicos”, “médicos de família” ou “médicos suburbanos”, o autor recorreu a estratégias específicas. Assim, em *Baú de Ossos*, Pedro Nava (1974, p. 17) descreveu perfis humanos, condutas profissionais, instituições, livros e procedimentos médicos considerando [...] a lembrança dos pequenos fatos que tecem a vida de cada indivíduo e do grupo com que ele estabelece contatos, correlações, aproximações, antagonismos afeições, repulsas e ódios”. Celina Fontenele Garcia sintetizou essa característica do texto naveano da seguinte maneira:

Ao estudar a obra memorialística de Pedro Nava percebemos que ele escreve suas memórias de maneira diferente dos outros memorialistas. Faz não apenas um relato de suas aventuras individuais, mas realiza, ao mesmo tempo, uma volta ao passado individual e coletivo de todo um clã, refazendo, como um Frankenstein, um novo ser, através da exumação de seus antepassados, da busca de suas raízes e de sua história nas biografias familiares, em que recria a história social de sua época e da sociedade. (GARCIA, 2001, p. 1).

Na descrição dos perfis biográficos vai se delineando uma crônica da medicina feita de ações históricas, mas também de fatos cotidianos, que espelham situações geralmente excluídas dos registros científicos e historiográficos. As Memórias denotam trocas fecundas entre as fontes documentais exploradas por Pedro Nava (1974, p. 21): “Já do avô Pedro da Silva Nava possuo retratos, cartas e as reminiscências que colhi de minha avó, de tios, tios-avós e de um seu caixeiro – José Dias Pereira, pai de conhecido médico do Rio de Janeiro, o Dr. Adolfo Hebster Pereira”. Convém referir a criação do personagem autobiográfico Egon para narrar certos eventos. Joaquim Alves de Aguiar explanou o uso dessa estratégia em *O Cirio Perfeito*:

Na esfera hospitalar, evidentemente, os contatos profissionais são muitos. Para organizar sua matéria, o narrador precisa de um método. Assim, como acontecera em situações anteriores que também reconstruíam instituições – os colégios Anglo e Pedro II, por exemplo –, é de um dia típico na vida do hospital que despontam os perfis dos colegas médicos do escritor. Um “dia-símbolo” dividido pelos turnos da manhã, da tarde e da noite. Desse modo, as figuras vão aparecendo como se fossem matinais, vespertinas e noturnas, e alternando-se conforme o valor, positivo ou negativo, segundo as metáforas do médico branco e do médico marrom. De um lado, os competentes, éticos e bons companheiros; de outro, os incompetentes, antiéticos e maus companheiros. Para descrever os brancos o narrador avisa que utilizará a técnica do retrato, e para os marrons, a da caricatura (...) Por medida de precaução, os elogiáveis são tratados por seus nomes e os desprezíveis por pseudônimos, todos esquisitos, já contendo em si o traço caricaturesco com que aparecerão: Rosalvo Traquilino, Cloacário Barata, Josino Rasposo, Alegrino Chuerba, Preposto Concórdia, Variolandopteco Tucunduva etc. (AGUIAR, 1998, p. 149).

Em entrevista a Claudio Aguiar, Paulo Penido (1998, p. 44) aludiu aos *Diários Íntimos*, doze cadernos contendo relatos de viagens, desenhos e anotações de Pedro Nava a partir de 1948: “É justamente no final que ele começa a falar dos médicos, das coisas desagradáveis” explicou Penido, ao referir como a saída da Policlínica, em 1975, havia deprimido Pedro Nava e afetado seus escritos, sobretudo o incompleto *Cera das Almas*, que ratifica “[...] a constante preocupação dele com a velhice, a decadência” e o ressentimento pela perda do Anfiteatro da Policlínica, onde se reunia com outros médicos para discutir casos clínicos e ministrar cursos:

Dentro da Policlínica onde o Nava trabalhava havia muitos partidos. (...) Partidos políticos, não. Correntes políticas. Por exemplo, se havia um concurso para preenchimento de uma vaga no serviço, digamos, de Ortopedia, uma dada corrente se movimentava para que fosse escolhido um médico que lhe fosse favorável, porque amanhã esse camarada seria mais um voto dentro da congregação para fortalecer o seu poder dentro da própria instituição (...) A isso o Nava chamou de “médico marrom”. Achava que isso era de um procedimento irregular e prejudicial porque tinha repercussão na própria clientela (...) ele chama esse tipo de profissional de “médico marrom”, mas, na minha opinião, não era. Podem ser assim classificados os que fazem “roça”, os que cobram demais, conforme seja o paciente rico ou pobre. Eu acho que o médico deve cobrar sua consulta porque seu tempo vale tanto e não porque o sujeito é rico ou pobre. Nas 35 páginas de *Cera das Almas* Nava limita-se a meter a bronca nesses médicos. Além do mais, dá apelidos a cada um deles, pitoresco mas que na minha opinião chega a ser uma coisa pueril. (PENIDO, 1998, p. 42).

Pode-se afirmar que a decisão de publicar suas recordações, apoiada por amigos como Carlos Drummond de Andrade, Otto Lara Resende e Fernando Sabino, atenuasse momentaneamente inquietações de Pedro Nava relativas ao temor da senectude, da impossibilidade de clinicar e, logo, da extinção do Anfiteatro, emblema de valores intelectuais e profissionais que

defendia: “Ele escrevia muito sobre História da Medicina e era um conferencista importante. Juntava Medicina e Literatura”, afirmou Penido (1998, p. 22). O sucesso da publicação das Memórias junto à crítica e ao público ofereceria, mesmo de modo indireto, uma alternativa ou “abertura” para manter-se produtivo em duas esferas significativas de sua vida, “Medicina e Literatura”:

Meu plano inicial não era escrever cinco volumes: eu queria escrever um livro de lembranças familiares, de fatos que eu conheci mas meus irmãos ignoravam. Seria um livro clandestino, pra correr dentro da família. Os originais eu dei pra ler ao Fernando Sabino, ao Otto Lara Resende e ao Drummond, e a opinião deles foi que eu deveria continuar no mesmo tom, escrevendo as minhas memórias. Foi o que aconteceu. Assim, o roteiro é que domina o autor: ele escreve um roteiro pensando que vai ficar preso àqueles trilhos, mas a coisa começa a ter uma porção de desvios, uma porção de outras saídas, de modo que o roteiro não é motivo de contenção, mas de expansão para o autor. Foi o que ocorreu comigo: eu pretendia escrever um livro de lembranças familiares, acabei escrevendo, até o momento seis volumes – que são grandes, de trezentas a quinhentas páginas cada um -, onde estou apenas nos meus trinta, trinta e um anos, por aí. Veja como fui levado pelo meu próprio roteiro, pelo que eu queria escrever. Aquilo provocou em mim uma série de caminhos, uma abertura pra novas estradas, uma coisa extraordinária. Foi uma experiência fascinante, essa viagem dentro de mim mesmo. Vi que tinha muito mais coisa pra contar do que eu próprio supunha... (NAVA, 1995, p. 39)

No “Capítulo II / Do Livro” *Dom Casmurro*, o protagonista de Machado de Assis (1978, p. 178), expõe metafóricamente um dos fundamentos da escrita memorialística: “levado de um desejo tão particular”, reconstruiu no Engenho Novo a casa em que viveu até a juventude “[...] dando-lhe o mesmo aspecto e economia daquela outra, que desapareceu”. O domínio da memória que o narrador machadiano deseja presentificar sensorialmente, de modo concreto, é comparado no Livro X das *Confissões* a um palácio repleto de “[...] tesouros de inumeráveis imagens trazidas por percepções de toda espécie. (...) Quando lá entro mando comparecer diante de mim todas as imagens que quero”, arguiu Santo Agostinho (1973, p. 200). A esse plano mnemônico estariam confiadas as dimensões espacial e temporal do caráter de “si” que remetem, na filosofia de Paul Ricoeur (1991), ao sentido de permanência da identidade *idem*.

Complementar a tal motivação, pode-se distinguir na escrita de memórias um fenômeno moderno analisado pelo filósofo Remo Bodei (2014), decorrente, em termos cronológicos, do prolongamento real e simbólico de “extremos”, seja no caso, da juventude ou da velhice, que restringe a área de influência da maturidade. Sob tal prisma seria exemplar a justificativa do narrador de Machado de Assis (1978, p. 178): “[...] passo a escrever o livro. Antes disso, porém, digamos os motivos que me põem a pena na mão (...) O meu fim evidente era atar as duas pontas da vida, e restaurar na velhice a adolescência”. Parafrazeando Shakespeare, Remo Bodei (2018, p. 171,

grifo do autor) escreveu que a maturidade não é “tudo” e a velhice não representa apenas *gravitas* e o prenúncio da morte, mas a posição alcançada por um exército agora forte e numeroso de homens frequentemente desejosos de recuperar o que perderam no decorrer dos anos. Pensadas no âmbito do registro e transmissão de um legado, as reflexões de Bodei e de Garcia aplicar-se-iam à narrativa memorialística de longa experiência profissional:

Para a análise da obra de Pedro Nava temos que partir da seguinte constatação: ao escrever suas memórias ele é um homem de setenta anos, cinquenta dos quais dedicados à medicina. Escreveu centenas de trabalhos científicos; foi médico clínico no interior e professor de faculdade; foi interno em hospitais públicos, portanto, dentro de sua área, possuía todas as experiências humanas adquiridas no contato com pessoas de todas as camadas sociais e nas situações mais adversas; conhecendo, a fundo, toda a possibilidade do corpo humano e sua resistência à dor, ao sofrimento e à morte. (GARCIA, 2001, p. 1).

Sheila Dias Maciel analisou a existência de uma tradição memorialística brasileira com raízes historiográficas. Os escritos filiados a essa vertente apropriaram-se muitas vezes, por questões estilísticas, éticas ou pessoais, de expedientes específicos da ficção e da retórica, tais como alterar nomes e características de personagens e lugares, ou ainda fazer uso da *enargeia*. Historiadores e memorialistas podem narrar fatos adotando critérios, métodos e perspectivas similares, o que não os exime de incorrer em desvios de interpretação. Maciel destacou porém “dupla possibilidade” narrativa para o autor de memórias, a qual consiste em individualizar o enfoque de uma versão dos fatos – princípio comum às Memórias Pedro Nava. Nesse sentido:

Não se pense que em *Memórias do cárcere* se está lidando com texto de confidências. No entanto, como já se afirmou, trata-se de uma obra memorialística, na qual despontam, ainda que transfigurados pela ficcionalização inerente à passagem da vida para o papel, trechos da história da vida particular do autor, que é também personagem e narrador da obra e na obra. Dessa forma, o autor memorialista dispõe dessa dupla possibilidade: suas memórias são uma visão da história, mas uma visão personalizada, uma espécie de ‘micro-história’ – visão particularizada da História. (MACIEL, 2013, p. 554).

Não se almeja discutir aqui como textos historiográficos e memorialísticos constroem suas versões de um fato, mas antes apontar traços partilhados por ambos na função de arquivos marcados por convenções e mecanismos de seleção específicos. Registros de usos e costumes culturais notados nas esferas privadas e pública do cotidiano elucidam o estudo de comportamentos e representações sociais de grupos e indivíduos. Nesta acepção, observações e relatos sobre a natureza de condutas e saberes médicos populares e oficiais reportados por um profissional da saúde ofereceriam nuances que fogem à observação do leigo. Em relação à obra de Pedro Nava, é

plausível a observação de Walter Benjamin (1994, p. 223): “O cronista que narra os acontecimentos, sem distinguir entre os grandes e os pequenos, leva em conta a verdade de que nada do que um dia aconteceu pode ser considerado perdido para a história”.

### A “prosa médica”

O conceito de arquivista foi associado à escrita histórica e literária de Pedro Nava por Antônio Sérgio Bueno (1997, p. 53), Celina Fontenele Garcia (1997, p. 75), Joaquim Alves de Aguiar (1998, p. 204) e Eneida Maria de Souza (2004, p. 18). Aguiar (1998, p. 17) pontuou que “[...] anos de leitura, de poesia e de prosa médica, mas também o tino de um observador atento do vivido e a consciência (...) da necessidade de método no procedimento da escrita” moldaram o “feitio enciclopédico” das Memórias. Entrevistado por Lourenço Dantas Motta, Pedro Nava (1981) forneceu um dado indicativo da influência de sua prosa médica nas Memórias: “Tenho uma obra escrita em medicina que é muito grande. São cerca de 300 trabalhos publicados”.

Além das influências citadas por Pedro Nava em entrevistas e no corpo de seus escritos, como a história da arte, a literatura francesa e o discurso científico de filiação humanista, críticos literários e historiadores divisaram nas Memórias discursos alusivos às ciências sociais e a gêneros da literatura erudita e popular. Davi Arrigucci Jr. (1987, p. 72) assinalou a versatilidade estilística da prosa naviana, em que se combinam, oriundos de inúmeras fontes: [...] termos regionais e coloquialismos; (...) vocábulos cultos e preciosos, nomes exóticos; (...) palavrões (...) estrangeirismos; tecnicismos da linguagem médica e científica em geral; neologismos; tesouros dos clássicos portugueses (...). Segundo José Anderson Freire Sandes:

Desse lugar múltiplo, nasceram as suas memórias que devassaram a história social e cultural do Brasil do final do século XIX até os anos 40 do século passado. Um vasto painel de indivíduos, famílias, cidades e instituições (...) Com seus seis volumes de memórias, Nava projetou-se em várias direções: literatura, história, sociologia, arquitetura, antropologia. (SANDES, 2011, p. 178).

Entre os documentos do Arquivo Museu de Literatura Brasileira (AMLB), da Fundação Casa de Rui Barbosa, editados para a publicação da coletânea *Descendo a Rua da Bahia* (2017), que reúne itens da correspondência de Pedro Nava e Carlos Drummond de Andrade, Eliane Vasconcellos e Matilde Demétrio dos Santos (2018, p. 23) destacaram um “[...] bilhete de 6 de setembro de 1947, quando ao ler *Território de Epidaurou*, o primeiro dos livros que o médico escreveu sobre a história da medicina, Drummond correu para saudar o amigo, dizendo-se impressionado com a ‘forma literária gostosíssima do livro’”. É oportuno lembrar, nesse ponto, a observação de Vasconcellos e Santos, em uníssono com especialistas na obra naviana, sobre o traço

reconhecido por Drummond nos ensaios de 1947. Se o estilo literário ficcionaliza as Memórias, ele se destina a outras funções retóricas nos ensaios sobre a história da medicina. Antonio Candido delimitou a natureza da “forma literária” das Memórias ao:

[...] comentar certos livros recentes produzidos por escritores mineiros, que podem ser qualificados de autobiografias poéticas e ficcionais, na medida em que, mesmo quando não acrescentam elementos imaginários à realidade, apresentam-na no todo ou em parte como se fosse produto da imaginação, graças a recursos expressivos próprios da ficção e da poesia, de maneira a efetuar uma alteração no seu objeto específico. Além disso a palestra visa a sugerir que estes traços imprimem um cunho de acentuada universalidade à matéria narrada, a partir de algo tão contingente e particular como é em princípio a vida de cada um. (CANDIDO, 1987, p. 51).

Pedro Nava referiu uma tradição de grandes contadores de histórias em sua família. Lembrado por muitos que o conheceram e entrevistaram como exímio narrador, sua linguagem denotava certamente os “recursos expressivos próprios da ficção e da poesia” assinalados por Candido. Melânia Silva de Aguiar (2003, p. 245-246) assim descreveu a impressão que Pedro Nava lhe causou em 1980, em Montevideu, durante palestra realizada nas comemorações dos 40 anos do Instituto de Cultura Uruguaio-Brasileiro (ICUB): “Na fala mineira, pausada de Nava, era o Brasil inteiro que vinha para dentro daquela sala, com seu dia-a-dia interiorano, os entrelaçamentos genealógicos, os espaços urbanos em mutação, os procedimentos médicos de um tempo superado, a euforia das receitas caseiras etc.” O depoimento da Professora Melânia Aguiar ressaltou na personalidade de Pedro Nava características integradas ao estilo do autor:

Nava tinha esse dom da graça obtida da observação atenta das pessoas, dos costumes, dos fatos que acontecem “debaixo dos panos”, ou até aos olhos de todos, mas passando despercebidos a olhares menos argutos. Associando o dom inato da percepção visual, que ele próprio reconhece em si, ao interesse pelo outro, à fina observação dos sentimentos manifestos às vezes num simples modo de olhar ou de sorrir, Nava reconstituiu um traço familiar recorrente, um comportamento, uma intenção... Leitor de corpos e de almas, tece o seu imenso painel memorialístico com a lembrança viva desse somatório de experiências armazenadas durante uma vida inteira. (AGUIAR, 2003, p. 245).

Para Edina Regina P. Panichi (2011, p. 529), estudiosa do método composicional de Pedro Nava, o autor direcionou à redação das Memórias aptidões e critérios cultivados na vida profissional: “Médico paciente, para quem a atenta observação do doente era o principal método para a comprovação de um diagnóstico (...) transportou ao exercício de escritor o hábito do detalhe, da minudência, hábito este que se integrava à sua necessidade implícita de expressão”:

Cabe dizer aqui que o empenho com que estudei a anatomia nos seus aspectos descritivo, topográfico e patológico marcaram profundamente meu gosto pelos lados positivos, palpáveis, demonstráveis e visíveis das disciplinas do curso médico. Em clínica, leio com o maior gosto o que já passou pelas mãos dos *experimentadores* e veio como verdade para o emprego dos práticos – quer dizer, do cirurgião, do parteiro, do internista cuja função precípua é olhar, ver, enxergar, sentir – em uma palavra *observar*. (...) Por mim prefiro continuar com eles porque minha medicina é sempre *figurativa* e nunca *abstrata*. Observo, não experimento. Minha observação, sim, é que vem dos experimentadores ou é mandada a eles como hipótese de estudo. As raízes profundas desse meu modo de ver, vem de meus professores nos ramos comportados pela Anatomia – portanto de Luís Adelmo Lódi e Carlos Pinheiro Chagas. (NAVA, 1979, p. 300-301, grifo do autor).

Observador atento a pormenores, soube explorar em sua escrita o talento para o desenho e a pintura; o amplo repertório literário; e o conhecimento da história e cultura nacional. Como afirmou Panichi, o enfoque dominante na obra literária de Pedro Nava, repleta de alusões “ao curso de Medicina, à profissão, aos mestres, aos colegas, à classe médica”, não é o do literato:

Mas, mesmo que ele houvesse interditado o acesso de tais lembranças à obra, não lhe teria sido facultado negar-se a si mesmo: a escrita de Nava é escrita dum médico. Aprendeu, sem dúvida, a escrever com os grandes romancistas brasileiros e europeus, mas não foi só a poderosa lição dos escritores longamente frequentados em português, inglês, francês, que lhe sedimentou o estilo. Descobriu, também, segredos do ofício no manuseio curricular e profissional dos tratadistas clássicos da arte médica, dos grandes especialistas nas disciplinas descritivas. A atenção às minúcias, aos pormenores, às nuances, a delicadeza ou o realismo das exposições, o matizado sentido do essencial devem ter-lhe sido transmitidos por esses veneráveis mestres universais da medicina, nomes e obras amorosamente capitulados e diuturnamente assimilados ao longo de todo um curso superior. (PANICHI, 2011, p. 529).

Segundo Panichi (2021, p. 485), a história da formação profissional de Pedro Nava é uma das chaves para o estudo do discurso literário das Memórias. Partes dessa história se encontram distribuídas nas entrevistas do escritor; nos artigos, ensaios e entrevistas daqueles que o descreveram profissionalmente; na produção científica do médico, professor e conferencista; e no relato memorialístico. Atualmente, pesquisas dedicadas ao arquivo pessoal de Pedro Nava têm ampliado o conhecimento de sua história e “prosa médica”, a exemplo dos trabalhos de Vasconcellos e Panichi. Estudos sobre o arquivo do escritor revelam pormenores elucidativos de sua vida e pensamento, tal como se depreende do comentário de Vasconcellos e Santos (2018, p. 19): “Em *Descendo a Rua da Bahia*, é Pedro Nava quem teve o cuidado de historiar o percurso de sua vida de médico do interior a servidor público no Rio de Janeiro”.

Autor de um dos ensaios que prefaciam a segunda edição de *Território de Epidauró*, o Geraldo Guimarães da Gama (2003) recordou ter conhecido Pedro Nava como professor de

Reumatologia, especialidade que o memorialista ajudou a instituir e divulgar, estando entre os precursores desse campo no país. Gama citou trechos das Memórias que relacionam à história da medicina nacional passagens alusivas à Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Minas Gerais e à “[...] turma de 1927, da qual fizeram parte Pedro Salles, Pedro Nava, Odilon Bherens, Juscelino Kubitschek”, este último, cirurgião na Revolução de 1932. Gama retratou Pedro Nava sob duplo enfoque: como autor e personalidade da história da medicina brasileira.

Em prefácio à coletânea *O Anfiteatro*, Penido (2003, p. 17-18) narrou um episódio ocorrido em 1961, quando sextanista de medicina cumpria estágio hospitalar e no consultório de Pedro Nava. À época, Penido questionou o fato do reumatologista aconselhar à paciente uma “[...] viagem a um lugar lindo, onde o doente se desliga de suas preocupações do dia-a-dia (...) remédio certo para as doenças psicossomáticas”. A resposta de Pedro Nava sugere que estaria familiarizado com três polos influentes da medicina psicossomática psicanalítica: a Escola de Chicago, a Escola de Psicanálise de Budapeste e a Escola Psicossomática de Paris, surgidas, respectivamente, das teorias de Franz Alexander<sup>2</sup>, Michael Balint<sup>3</sup> e Pierre Marty<sup>4</sup>, por certo ainda pouco exploradas na prática clínica daquele momento no Brasil: “Você já ouviu falar do Território de Epidauro? Na Grécia antiga havia o Templo de Esculápio. As pessoas viajavam para lá, dormiam, e os sacerdotes interpretavam seus sonhos. Muitos melhoravam, haja vista o número de ex-votos remanescentes”. A “esse procedimento” de base psicanalítica, evocativo da tríade do modelo Balint (médico-paciente-família), vincular-se-ia o comentário de Penido:

Certa feita a Julieta, a filha do Drummond deu uma entrevista dizendo que Nava foi um dos primeiros especialistas a tratar reumatismo com palavras. E é verdade. O Nava me dizia: Olha, Paulo, é muito mais importante você conversar com o paciente, levantar o espírito dele na hora em que está diante dele, procurar tirar do doente os seus problemas, do que simplesmente receitar um remédio. E ele anotava na ficha do doente várias informações adicionais: que tinha um filho problemático, um marido que tinha isso, que tinha aquilo, enfim, as preocupações existenciais do cliente. Quando o doente voltava para a nova consulta, o Nava

2 Franz Gabriel Alexander (1861-1964), médico e psicanalista judeu nascido na Hungria, foi professor na Escola de Medicina na Universidade de Budapeste e nas Universidades de Chicago e Illinois; fundou em 1932 o Instituto Psicanalítico de Chicago. Seu estudo *The Castration Complex in the formation of Character* obteve, em 1921, um prêmio concedido por Freud. Autor de *Medicina Psicossomática* (1950).

3 Médico e psicanalista húngaro radicado na Inglaterra, Michael Balint (1896-1970) é conhecido por ter fundado no início dos anos 50, em Londres, na Clínica Tavistock, o Grupo Balint, para treinamento médico, discussão de casos clínicos e melhora da interação entre profissionais da saúde, pacientes e familiares durante o tratamento. Autor de importantes estudos sobre psicanálise, psicossomática e a relação médico-paciente, como “O amor primário e a técnica psicanalítica” (1952), *O Médico, seu paciente e a doença* (1957) e *A Falha Básica* (1967).

4 O pensamento do médico e psicanalista francês Pierre Marty (1918-1993) tornou-se reconhecido mundialmente com a publicação de *O Pensamento Operatório* (1962), escrito em colaboração com Michel de M’Uzan. Em 1972, Marty e Michel Fain criaram o Instituto de Psicossomática de Paris, com um centro de ensino e pesquisas em medicina psicossomática. Seu trabalho junto ao Poterne-des-Peupliers Hospital, hoje Hospital Pierre Marty, permitiu-lhe consolidar a validade de seu modelo teórico-clínico, que inspirou a criação de inúmeras instituições ao redor do mundo, a exemplo do Instituto Sedes Sapientiae. Autor de *A Psicossomática do adulto* (1990).

## Maria Alice Ribeiro Gabriel. Obras e “reminiscências médicas” de Pedro Nava

perguntava: E como vai aquele seu parente assim, assim e tal. O doente ficava impressionado. (...) mas eu não diria que ele era um psicólogo. Ele era mais um grande conversador. (...) A Julieta Drummond dizia que o sujeito entrava lá com um torcicolo e após conversar com o Nava saía curado.<sup>5</sup> (PENIDO, 1998, p. 30-31).

Gama (2003, p. 19-26) extraiu do discurso de posse do escritor na Academia Brasileira de Medicina, publicado na Separata da *Brasil Médico*, ano 7, 1957, passagens sobre o sentido de observação cultivado por Pedro Nava desde a infância, e lapidado na experiência do “[...] interno de Clínica Médica. Tisiologia, Cirurgia, Obstetrícia, Ginecologia e Psiquiatria (...) monitor, estagiário, assistente, chefe de serviço e professor (...) Clínico de roça (...) médico operador e parteiro”, que admitia a importância de se considerar a personalidade do paciente: “Além de todas as doenças, vi também toda qualidade de doente: o rico e o pobre, o veraz e o fabulador, o amigável e o hostil, o cooperante e o negativista, o reconhecido e o ingrato, o deprimido e o otimista, o realmente doente e o doente imaginário”. A tema da medicina surge na obra naveana consignado a um modelo epistemológico ideal, que será discutido a seguir.

### O Anfiteatro

“Ele era um médico socorrista que fazia tudo, porque além de ser um bom clínico tinha uma habilidade manual enorme”, observou Paulo Penido (1998, p. 23), lembrando que Pedro Nava trabalhou em vários hospitais do Rio de Janeiro a partir de 1933: Hospital Souza Aguiar, Hospital Carlos Chagas, Hospital da Ilha do Governador e Hospital Menino Jesus. Após 1945, assumiu o cargo de Chefe de Serviço da Clínica Médica do Souza Aguiar. Nesta função, pôde efetivar temporariamente um projeto voltado à formação do profissional médico humanista<sup>6</sup>:

E aí começa a acontecer uma coisa importantíssima na vida do Pedro: as sessões clínicas dirigidas por ele em que se debatiam os casos atendidos durante a semana. Sempre às quartas-feiras, das dez horas ao meio-dia no anfiteatro do hospital. Ele enchia o anfiteatro. Adorava aquele movimento. E o diretor do hospital, ao contrário, ficava danado da vida porque todos os médicos num determinado momento paravam de trabalhar e iam para o anfiteatro. Além do mais, começou a vir gente de fora. Depois largou a chefiado Serviço de Clínica Médica do Souza Aguiar, porque o diretor não queria as tais reuniões, alegando que ali era um hospital de pronto-socorro e não universitário. (PENIDO, 1998, p. 24).

5 Em *Capítulos...* Pedro Nava (2003a, p. 173) discorreu sobre a “conversa com o enfermo ou com sua família”.

6 Área recente no âmbito acadêmico da saúde: “As humanidades médicas referem-se ao conjunto de disciplinas cujos objetivos educacionais e conteúdos trazem para o campo teórico e prático da Medicina contribuições da Filosofia, Ética, Psicologia, Antropologia, Artes, Sociologia, História, Política, Educação, ou seja, disciplinas que buscam fundamentos nas Ciências Humanas e Sociais para compreender a condição humana no âmbito da Medicina e desenvolver competências para o cuidar. As Ciências Humanas e Sociais sempre abordaram questões relativas à saúde ou à doença. Quando essas disciplinas aportaram na educação médica, introduziram a discussão sobre a prática de relações comunicativas entre médico e paciente discutidas nos âmbitos educacional e ético e, mais recentemente, no campo da bioética clínica e em pesquisa”. (BARBOZA; FELÍCIO, 2019, p. 2).

Segundo Penido (1998, p. 23), quando Pedro Nava começou a trabalhar como médico socorrista da Prefeitura do Rio de Janeiro, em 1933, o hospital Souza Aguiar era considerado o melhor do Estado. Assinar o “Manifesto dos Mineiros”, em 1943, custou-lhe a demissão do serviço público do Rio de Janeiro. Findo o governo de Getúlio Vargas, seguiu-se a readmissão de funcionários perseguidos na administração getulista, e Pedro Nava retornou então ao Souza Aguiar, em 1945. Se o cargo de Chefe de Serviço lhe permitiu instalar o Anfiteatro, é possível supor que teria superestimado o alcance de sua liberdade de ação no contexto político vigente, tal cenário, somado a questões administrativas e até mesmo culturais, fez naufragar o projeto.

Apesar das diferenças no tempo e espaço, a situação de Pedro Nava no pós-guerra, em 1945, tentando instaurar em seu meio um modelo de ciência médica mais receptivo a outras áreas do saber, modelo para o qual a geração anterior vinha conquistando espaço na Europa e Estados Unidos, remete à atmosfera cultural de Budapeste, “berço da formação psicanalítica de Michael Balint”, nos anos seguintes à Primeira Guerra. De acordo com Raluca Soreanu:

No verão de 1919, Sándor Ferenczi foi nomeado professor de psicanálise no primeiro departamento de psicanálise dentro de uma universidade de medicina (...). Mesmo que a nomeação tenha durado pouco tempo, e tenha sido revogada apenas um mês depois, no calor dos acontecimentos políticos na Hungria, esta refletia a presença da psicanálise na vida cultural húngara. Ferenczi lecionava em anfiteatros cheios e para uma audiência entusiasmada. (SOREANU, 2018, p. 235-236).

O Anfiteatro espelha um projeto ambicioso, comparável àquele delimitado por Renato Mezan (2019) ao observar como a realização dos objetivos da Sociedade das Quartas-feiras no início do século XX não era um problema apenas científico, mas político, que requeria expandir os limites do círculo psicanalítico de Viena, gerando uma rede internacional para difundir ideias de Freud. Esse modelo organizacional estratégico, adotado em capitais europeias, efetivou-se no plano científico, criando publicações que garantiam aos autores um espaço para divulgar estudos, casos, teorias e técnicas, sem sofrer os efeitos do cerceamento da medicina oficial:

O grupo pioneiro não era formado somente por médicos, mas também por educadores e intelectuais da época, contando com um músico e também com escritores. Participavam das “noites psicológicas de quarta-feira” Otto Rank, responsável pela redação das atas, Alfred Adler, Max Graf, pai do pequeno Hans, entre outros. A cada encontro, um dos membros da Sociedade era responsável por fazer uma conferência fosse a respeito de um caso clínico, de um artigo a ser publicado, de um livro, de uma peça de teatro ou de um artista. Enfim, os temas variavam em torno de qualquer produção cultural ou científica, própria ou de outrem, que pudesse ser relacionada aos estudos psicanalíticos. Depois da conferência, começava um debate, com o qual, até 1908,

todos os presentes eram obrigados a contribuir. A leitura das atas permite perceber o quanto eram ricas e intensas tais discussões. Nota-se também com nitidez o início da elaboração de algumas noções ou conceitos próprios à psicanálise, bem como o surgimento de questões importantes e válidas ainda hoje. (ZACHAREWICZ; FORMIGONI, p. 309-310, 2015).

Com o término das atividades do Anfiteatro do Souza Aguiar, Pedro Nava passou a ocupar o cargo de assessor do Secretário de Saúde, “que era amigo dele”, recordou Penido (1998, p. 24). Vencido o concurso de títulos para chefia do Serviço de Clínica Médica da Policlínica, em 1947, Pedro Nava deixou o Rio de Janeiro por seis meses, “[...] para conhecer os hospitais de Londres. De lá ele seguiu para Roma; de Roma a Paris e ali foi onde escolheu a especialidade de reumatologia”. Ele estava a par da abertura de cursos de Reumatologia nas Faculdades de Medicina de Paris, Manchester e Praga, segundo Gama (2003, p. 18), e assim:

No início de 1948, Pedro Nava assumiu a chefia do Departamento da Clínica Médica da Policlínica Geral do Rio de Janeiro. No fim desse ano, viajou à Europa e visitou os Hospitais Universitários dos principais países. Em Paris resolveu adotar a Reumatologia como especialidade, sendo seus professores nessa primeira hora: Stanilas De Sèze (Hospital Laribisière), Pasteur Valerie-Radot (Hospital Broussais) e Jacques André Lièvre (Hospital Ténon). De volta ao Brasil, fundou em 1948 a Unidade de Reumatologia como subdepartamento de Clínica Médica, junto com os assistentes Hilton Seda, Ayrthon Ferreira da Costa, Berel Bejgler e Adolfo Biberman. Pouco depois criou a Unidade de Medicina Física e Recuperação de Reumáticos, conforme os moldes preconizados pela Dra. Marcelle Peillon, de Paris. Em seguida, novo passo: a formação do Serviço Social pela Professora Dora de Vasconcellos. Finalmente, a iniciativa decisiva ocorre em 1952, com a instalação do Anfiteatro. A primeira sessão realiza-se no dia 21 de maio e vem registrada na *Brasil Médico* sob o título “Conferências de Prática Reumatológica”. Os encontros no Anfiteatro representam um marco na história da Policlínica do Rio de Janeiro. (PENIDO, 2003, p. 19-20).

“Lembrei-me que as atividades todas daquele período estavam registradas na revista *Brasil-Médico*”, afirmou Penido (2003, p. 19), que recebeu as atas das reuniões das mãos de Hilton Seda “[...] sete volumes encadernados (...) o registro de todas as sessões das quartas-feiras – material precioso, factual que (...) permite resumir objetivamente o trabalho de Pedro Nava nas últimas três décadas de sua carreira de médico”. Membro Honorário Nacional da Academia Nacional de Medicina, Professor emérito da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, fundador da Revista Brasileira de Reumatologia, em 1957, Hilton Seda possui publicações científicas com Pedro Nava e foi seu principal assistente na Policlínica Geral.

Segundo Vasconcellos (2001, p. 18), o acervo da Fundação Casa de Rui Barbosa possui duas cartas do memorialista para Seda e 40 cartas deste ao “querido mestre”, sobre “[...] vários assuntos médicos, principalmente os fatos ocorridos na Policlínica e no consultório, quando o

substituía durante suas viagens. Percebe-se que Seda era o braço direito de Nava e tinha por este grande afeição”. Entre os documentos citados por Vasconcellos, alguns podem sugerir a dedicação à Policlínica ou alguma etapa do conflito que desencadeou o afastamento de Pedro Nava do Anfiteatro, da Policlínica e do médico Eduardo Augusto de Caldas Brito:

Há uma correspondência pequena entre Pedro Nava e Caldas Brito – duas cartas do primeiro e seis do segundo. Pareceu-nos particularmente importante um rascunho de Nava no qual diz que exerce a função de chefe de Clínica Médica do Hospital Geral de Pronto Socorro e que, no caso de seu “nome vir a ser honrado com a nomeação para o corpo médico da Policlínica, [estaria] disposto a abrir mão da chefia naquele hospital, e a desempenhar funções na Assistência”, exercendo trabalhos “que deixem minhas manhãs completamente livres e integralmente dedicadas ao serviço da Policlínica Geral do Rio de Janeiro”. Trata-se de um rascunho que não está datado, mas tudo leva a crer que foi a carta redigida por Pedro Nava na época de sua candidatura a um cargo naquela instituição em 1948, quando Caldas Brito dela era o diretor. Depois de mais de 25 anos dedicados à Policlínica, Pedro Nava se indispõe com Caldas Brito e, em uma longa carta redigida ao Conselho Regional de Medicina do então Estado da Guanabara, narra todo o episódio que lhe acarretaria a saída daquela clínica. (VASCONCELLOS, 2001, p. 13).

Sobre as razões que levaram Pedro Nava a demitir-se da Policlínica, Penido (1998, p. 28) revelou em entrevista a Claudio Aguiar: “Ele não conseguia fazer uma política de concessões (...) O próprio Caldas Brito que o levou para a Policlínica, no final, terminou transformado no seu pior inimigo. Aconteceu a mesma coisa que se deu no passado, isto é, o Caldas Brito tomou o anfiteatro dele”. O fato de Pedro Nava não “acomodar-se dentro do hospital” à época pressupõe que as atividades do Anfiteatro tenham gerado questões e disputas relativas à organização funcional de uma estrutura administrativa, consoante explicou Penido:

Num hospital você tem consultórios, o que a gente chama de ambulatório, as enfermarias e as emergências. Para as emergências entra-se por outros caminhos. Mas a Policlínica era um local onde só se davam consultas. A Clínica Médica, que era um andar inteiro, um dos serviços mais fortes do hospital, Nava dividiu em partes: numa funcionava a clínica médica e noutra a unidade de reumatologia. Numa terceira, lá num canto, colocou uma unidade de fisioterapia. Porque o reumático se dá muito bem com o tratamento de fisioterapia. O Nava viu isso lá na França e trouxe para cá. (...) Depois, no fim do corredor situou o anfiteatro, instalado com dinheiro do bolso dele, tão grande a importância que ele dedicava às discussões médicas com os colegas. Esse anfiteatro tinha cerca de trinta a quarenta lugares. (...) Um dia o Caldas Brito mandou desocupar essa parte para aumentar os Serviços de Raios-X. foi na ferida do Nava. Quer dizer, vinte e sete anos antes, ele saiu do Souza Aguiar por causa das sessões clínicas que fazia no anfiteatro e que o diretor proibiu. No anfiteatro da Policlínica ele dava importantes cursos, como, por exemplo, o de pós-graduação em reumatologia da PUC, o de fisioterapia para a escola de recuperação da Associação Brasileira Beneficente de Recuperação (ABBR), o de atualização para clínicos que desejassem aprender um pouco mais de reumatismo e uma sessão clínica todas as quartas-feiras,

que atraía muita gente. (...) Aquilo era seu coração. A grande obra dele. (...) Não é fácil você reunir vinte ou trinta médicos todas as quartas-feiras para discutir medicina. E não eram só os que trabalhavam ali. Vinha gente de fora. Até do estrangeiro. (...) Ele chegou a reunir lá os integrantes da Liga Internacional de Reumatismo. (PENIDO, 1998, p. 28-29).

A carta aberta de 17 de abril de 1975 “À Classe Médica do Rio de Janeiro” e ao Conselho Regional de Medicina sugere ao mesmo tempo denúncia, protesto mas igualmente um apelo:

Incompatibilizado com o mandonismo que passou a imperar na Policlínica Geral do Rio de Janeiro (...) Não me foi possível assistir impassível à mutilação e calculada destruição do que levei quase 30 anos construindo com amor, modelando com paciência e a que dei o melhor de minha capacidade de médico, chefe de serviço e professor – isto é o *primeiro serviço público de Reumatologia aberto no Brasil* e que foi, à minha revelia e de modo grosseiro, diminuído e sacrificado. (NAVA, s/n, 2003b).

“O gesto não provocou reação, ninguém deu a mínima”, de acordo com Penido (2003, p. 20), que lendo a carta supôs que a decisão de Pedro Nava “[...] não passava de mera atitude, como quando assinara o Manifesto dos Mineiros e fora demitido da Prefeitura do Rio”. A “velha casa de Moncorvo e Moura Brasil” evoca metonimicamente o criador da Policlínica Geral do Rio de Janeiro, Carlos Arthur Moncorvo de Figueiredo (1846-1901) e José Cardoso de Moura Brasil (1848-1928), diretor da instituição por 43 anos, nomes ilustres na medicina brasileira. “Sigo com humildade exemplo insigne: o de Oswaldo Cruz, que desprezou a mesma Casa quando achou que ela se rebaixara” – se incorre no risco de soar bonfiológica, a declaração de Pedro Nava (2003b, s/n) indica uma herança histórica e cultural manifesta em seus escritos. O Anfiteatro remete ao amplo conceito filosófico de *logos* na transmissão dessa herança.

### **“... dobrava o ser bom profissional com a personalidade de historiador...”**

Parte da história e identidade profissional de Pedro Nava, o Anfiteatro representaria, concreta e simbolicamente, um espaço para a expressão de saberes e valores acumulados em uma vida. “Como médico, protagonista e historiador da prática e do pensamento médico no Brasil, Pedro Nava sempre teceu e reivindicou o seu fazer parte de uma tradição científica e intelectual, de uma escola e de uma visão de mundo”, afirmou José Maria Cançado (2003, p. 77), em uníssono com Aguiar (1999, p. 154, grifo do autor): “Memorialista congênito, Nava, ao iluminar o trabalho e vida dos grandes mestres do passado, procedia como se fosse buscar as próprias origens, os agentes da sua formação, os fundadores da ‘família’ profissional a que pertencia”. A perspectiva de filiação a um grupo que partilha e renova o conhecimento se aplica ao Anfiteatro, de modo que, escrevendo “À Classe Médica do Rio de Janeiro”, Pedro Nava esboça o retrato de uma plêiade ou linhagem:

“Sigo com humildade exemplo insigne: o de Oswaldo Cruz [e de] figuras que glorificaram a nossa classe como os honrados, sábios e saudosos Augusto Linhares, Affonso MacDowell, Roberto Freire e Paulo Parreiras Horta”.

A ideia de linhagem, que Pedro Nava (1974, p. 179) relacionou ao “estudo genealógico” e justificou de modo abrangente, inclui o sentido de pertencimento a uma identidade nacional: “Estuda-se assim genealogia, procurando as razões de valores físicos e de categorias morais (...) um valor-saúde nacional – que é principalmente harmonia biológica e unidade de pensamento”; permite a Pedro Nava (1974, p. 183) unir em uma identidade comum família e profissão: “O gosto pelas genealogias pode nascer também do orgulho do encadeamento de gerações dadas a um mister, a uma profissão, e estabelecem-se assim árvores familiares de magistrados, notários, médicos, militares e até de verdugos”; e identifica diferentes gerações através da repetição de um caráter, nome, talento ou traço fisionômico. Assim, a descrição de um tio-avô recorda habilidades, interesses e vocações familiares partilhadas por Pedro Nava (1974, p. 47-48): “No que ninguém podia com o Itríclio era na memória. Essa prenda fazia dele o linhagista da família. (...) Além de genealogista, o tio Itríclio era um hábil curão”.

Para o estudioso da prosa naveana, não é difícil perceber quando a escrita do autor, mesmo em um documento como a carta “À Classe Médica do Rio de Janeiro”, produz o efeito que em dado momento Paulo Penido (2003, p. 20) interpretou como “mera atitude”, efeito ao qual Antonio Candido (1987, p. 51-60) consignou a “transfiguração do dado básico” por meio de “recursos expressivos próprios da ficção e da poesia”. Nesse sentido, o duo Itríclio-Iclirérico, biografado em *Baú de Ossos*, combina particularidades do estilo de escrita que, para Candido, “dá ares de invenção à realidade”; mas encerra também qualidades divisadas pela Professora Melânia Aguiar (2003) na “verve sedutora” do carismático narrador que ilumina os quatro tomos iniciais das Memórias e nos seguintes se mostra acerbo, “roído por lembranças ruins”:

Falando dos Pamplona, já disse de seu temperamento sensível, vibrante, imaginoso. Outras características também os distinguiam: a invariável boa educação, a cortesia exemplar e a bondade (...) Além disso, certa morbidez, certo gosto espanhol e escurialesco pela morte, pelo sepulcro, pelo cadáver e pelas lágrimas. (...) Se meu tio-avô Itríclio era cheio de rompantes, seu irmão mais velho, o Comendador Iclirérico Narbal Pamplona era a figuração da medida, do discernimento, da ponderação e da cerimônia. Gostava de conviver, de conversar e era um interlocutor perfeito e cheio de urbanidade. Tinha uma palestra viva, agradável e pintoresca. Dotado de talento para narrar – evocava com graça e facilidade. (NAVA, 1974, p. 49).

Após a morte de Pedro Nava, Penido responsabilizou-se pelo espólio literário do autor, sendo organizador de *O Anfiteatro: Textos sobre Medicina* (2002), que traz excertos das Memórias,

o discurso “A Posse do Professor Pedro Nava na Academia Nacional de Medicina”, e a carta “À Classe Médica do Rio de Janeiro”, de 17 de abril de 1975. No mesmo ano surgiu a 2ª edição de *Território de Epidauro*, seguido de *Capítulos da História da Medicina no Brasil*, em 2003, *A Medicina de Os Lusíadas e Outros Textos*, em 2004 e *Cera das Almas*, em 2006.

*Viagem ao Egito, Jordânia e Israel* teve duas edições: em 1998 e 2004. Esse diário de viagem é citado neste artigo pois, embora não seja um dos textos dedicados exclusivamente à medicina, registra impressões de Pedro Nava (2004b, p. 47), em 1958, sobre “[...] o magnífico Beilinsin Hospital” da cidade de Petah Tikva, em Israel. A partir de 2012, foram republicados seis volumes das Memórias, *Bau de Ossos*, *Balão Cativo*, *Chão de Ferro*, *Beira-Mar*, *Galo-das-Trevas* e *O Círio Perfeito*. Os três últimos relatam a vida profissional do médico até os 31 anos. Penido faleceu no Rio de Janeiro, a 1 de agosto de 2013 e os direitos da obra do escritor passaram à família Nava. Depositado na Casa de Rui Barbosa e ainda inédito, o manuscrito da biografia do médico João Vicente Torres Homem (1837-1887) estava sendo preparado para publicação pelo Professor Joaquim Alves de Aguiar (2007), falecido em 9 de julho de 2016.

Muitos assuntos e perfis biográficos dos textos históricos são retomados nas Memórias. “É interessante observar que Nava, naqueles idos da década de 1940, já procedia como iria proceder duas décadas depois na redação das Memórias”, segundo Aguiar (2007, p. 40). Entre os tópicos historiados em *Território de Epidauro* constam: “Algumas origens da medicina brasileira”; “Apontamentos sobre as origens da medicina espanhola”, “Apontamentos para o estudo dos primórdios da cirurgia vascular no Brasil”, “Entre Bruxos e Doutores”; “Médicos suburbanos de ontem e de hoje”; “As origens francesas da medicina interna brasileira”; “Uma notícia sobre Carlos Chagas e a campanha contra a peste”; “Estudo interpretativo de quatro receitas de medicina caseira datando do século XVIII”; “De Velpeau a Torres Homem”; “Esboços dos fundamentos históricos das especializações no terreno da medicina interna”; “Livros velhos de medicina”; “Da medicina como arma de classe e instrumento demagógico”; “Um manuscrito de medicina popular do fim do século XVIII e princípios do XIX”.

*Capítulos da História da Medicina no Brasil* foi republicada em comemoração aos 100 anos de nascimento de Pedro Nava, reunindo artigos de separatas da *Brasil Médico Cirúrgico*, Ano X, números 4, 5, 8, 10 e 11 (1948) e Ano XI, n. 1 (1949), editada no Rio de Janeiro, além do texto “Rio 400 anos de Medicina”, publicado na revista *Rassegna Médica e Cultural*, n. 3 (1965). A coletânea possui oito capítulos: “Introdução ao Estudo da História da Medicina no Brasil”; “O Ciclo da Influência Portuguesa na Medicina do Brasil”; “O Ciclo da Influência Francesa na Medicina do Brasil, Particularmente no Ensino Médico-Cirúrgico no Rio de Janeiro”; “Apontamentos para a História das Instituições Ligadas ao Exercício e ao ensino Médico na Cidade do Rio de Janeiro, à

Luz de Alguns Documentos Referentes à sua Fundação”; “Apontamentos para o Estudo da História das Doenças Epidêmicas no Brasil”; “Apontamentos para o Estudo da História da Medicina Científica e da Experimentação no Brasil”; “Charlatães, Médicos, Cirurgiões, Cientistas, Hospitais e Academias o Brasil Colonial”, “Introdução ao Estudo da História da Medicina Popular no Brasil”; e por fim, em anexo: “Rio 400 anos de Medicina”. Na entrevista a seguir, conforme assinalou Aguiar (1998, p. 14; 2007, p. 40), a produção anterior às Memórias é avaliada de modo reticente, apesar do “[...] extremo rigor do biógrafo, de sua preocupação em basear-se sempre nos documentos para a reconstituição o mais exata possível do perfil e da ciência do seu biografado”:

Tive um período literário muito curto com o grupo modernista de Minas Gerais, quando me liguei a amigos que tenho até hoje, como Drummond e Afonso Arinos. Evidentemente que eu escrevia, não era insensível à beleza de uma frase, à beleza da coisa escrita. E já tinha mesmo, muito mais cedo, muito antes de conhecer esse pessoal, o hábito da leitura. Minha obra médica é bastante grande, tenho algumas centenas de trabalhos publicados. Estou recenseando isso agora, pra fazer uma biocronologia que o pessoal da Nova Fronteira está querendo ver. Não sei ao certo, mas seguramente umas duas centenas de trabalhos eu tenho. De modo que escrevi minha vida inteira, sempre com a preocupação de escrever bem: nunca assinei trabalho de colaboração que não fosse escrito por mim. Quem bateu a máquina, quem deu forma àquilo fui eu. Tenho dois livros anteriores aos de memória, sobre história da medicina, a que não dou grande valor porque foram feitos às pressas, eu estava interessado num concurso para uma cadeira de história da medicina. São livros fabricados, não foram escritos, como a minha obra memorialística. Nessa eu procuro dar o melhor que posso, o mais trabalhado possível. (NAVA, 1995, p. 45).

Pedro Nava era um arquivista interessado por gravuras e “livros raros de medicina”, tomava notas, desenhava, guardava retratos, bilhetes, cartas e papéis, fazia registros dos mais diversos assuntos em cadernos e diários de viagem. Além de reunir fontes bibliográficas e documentais, gostava de coletar reminiscências: foi assim que ouviu do médico e escritor Aloysio de Castro a história da doença e morte de seu pai, Francisco de Castro, sepultado a 5 de outubro de 1901, devido a uma “pneumonia pestosa”, contraída “na visita a um doente de peste” bubônica. A versão de Aloysio de Castro contesta rumores sobre o suposto suicídio do médico, professor e diretor da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Ao comentar o relato de Aloysio de Castro, Pedro Nava indica o prisma que adotará como biógrafo e memorialista:

Abordo esse tabu para dar meus argumentos e acho que faço bem. É preciso anular às claras calúnia que nunca é escrita, mas que se transmite implacavelmente pela tradição oral, alongando-se, no tempo, como uma cobra venenosa. E de longa vida, como as cascavéis... Se os que têm uma visão bondosa dos fatos se absterem de comentá-los, deixam o campo livre para os bichos rastejantes que babam no tronco das grandes árvores. Se não se toca nesses assuntos, acabam os homens distorcidos e esvaziados da substância humana que neles habitou. É

o que acontece com a maioria dos nossos grandes médicos, cujas vidas são geralmente abordadas por biógrafos com luvas de borracha que desinfetam tudo que existe de humano para só ensaiar o mito esterilizado que anula o homem. Onde estais, Miguel Couto, Oswaldo Cruz e Carlos Chagas? Quem vos poderá conhecer? Dentro das roupagens de santo com que vos afluíram e que tanto vos desfiguram. Esquecem que cada homem só vive e é grande quando mostrado integralmente. Nos seus acertos e erros. Nos acertos e erros dos outros sobre sua pessoa. (NAVA, 1974, p. 221).

Segundo Aguiar (2007, p. 40, grifo do autor), nos escritos históricos e nas Memórias, o estilo de Pedro Nava como biógrafo é inconfundível. Preciso ao descrever o ofício médico: “É como se Nava “desencantasse” Torres Homem, para filmá-lo em vida, em pleno exercício da profissão”. Outro aspecto marcante da prosa biográfica do autor é a profusão de informações. *Baú de Ossos*, por exemplo, entrelaça episódios da história da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro com a biografia do Dr. José Pedro da Silva Nava e “a crônica da velha escola”, descrevendo lentes, doutores, “canastrões”, “vedetes”, estudantes, disciplinas, tratados, medidas disciplinares, métodos experimentais, pavilhões, corredores e salas do curso médico, entre a última década do século XIX e as décadas iniciais do século XX. Ramificando-se em apontamentos genealógicos e biobibliográficos, o trecho a seguir relaciona o cotidiano familiar e profissional dos médicos de subúrbio do Rio de Janeiro, entre eles o Dr. José Nava, morador do sobrado de n. 106, aos “cursos de Farmácia e de Medicina da nossa mais velha faculdade”:

Outro assíduo ao 106, também parente, primo-irmão de minha avó paterna, era o Dr. João da Cruz Abreu. Médico, formado pela Faculdade da Bahia em 1892. Clinicava no bairro e dobrava o ser bom profissional com a personalidade de historiador e colaborador da *Revista do Instituto do Ceará*. (NAVA, 1974, p. 322).

O médico historiador João da Cruz Abreu não é o único homem de ciências e letras do da família do autor, na qual sobressaem duas figuras paternas e modelos intelectuais influentes: Antônio Ennes de Sousa e Antônio Salles. Cultos, ambos contribuíram de modo efetivo na educação de Pedro Nava. Ao biografar essas e outras influências, o autor expande certo modelo ideal: um homem, uma família, um grupo, uma classe profissional, uma geração, uma cultura. A Professora Melânia Aguiar (2003, p. 246) sintetizou o mecanismo pelo qual Pedro “Nava reconstitui um traço familiar recorrente, um comportamento, uma intenção. Leitor de corpos e de almas, tece o seu imenso painel memorialístico com a lembrança viva desse somatório de experiências armazenadas durante uma vida inteira”.

Para Remo Bodei (2014, p. 96), cada um de nós – vale a pena recordá-lo – é o resultado de uma ininterrupta sequência de vivências. Cada geração compartilha o destino do próprio tempo, recupera o passado e se projeta no futuro. A morte implica a transmissão de bens materiais de uma

geração a outra, mas o que é recebido como herança não são apenas coisas: todo um mundo se símbolos e princípios se perpetua e se transforma segundo a lógica prevalecente de dom e restituição. A partir dessa reflexão, Bodei se pergunta quais seriam as modalidades de restituição de recursos materiais e intangíveis – coisas, segurança, afetos, autonomia – às gerações mais novas. Pedro Nava responderia essa pergunta em *Beira-Mar*, posicionando-se como herdeiro de um modelo epistemológico e de um repertório de leituras:

Hão de me perguntar como? Um doutorando em vésperas de colar grau de médico, em vez de só por seus livros de medicina, interessava-se pelos de literatura. Respondo que medicina antes de mais nada é conhecimento humano. E este está tanto nos livros de patologia e clínica como nos da obra de Proust, Flaubert, Balzac, Rabelais, dos poetas de hoje, de ontem, nos modernos como nos antigos. (NAVA, 1979, p. 389).

Incentivado em família, nos colégios Anglo Mineiro e Pedro II, Pedro Nava ingressou no curso de medicina, em 1921, como leitor profícuo.. Adquiriu repertórios variados por meio da formação e do exercício profissional, de viagens, do magistério, dos círculos intelectuais que frequentou, dos ofícios de arquivista e de pesquisador polímata, acumulando, segundo o prisma do médico literato, as funções de biógrafo, historiador, intérprete e memorialista de sua vocação.<sup>7</sup>

## Referências

- AGOSTINHO, Santo. *Confissões*. Tradução de J. Oliveira A. Santos e A. Ambrósio de Pina. São Paulo: Abril Cultural, 1973.
- AGUIAR, Joaquim Alves de. *Espaços da memória: um estudo sobre Pedro Nava*. São Paulo: Edusp, 1998.
- AGUIAR, Joaquim Alves de. Nava biógrafo. *Patrimônio e Memória*. Assis, v. 3, n. 1, p. 39-44, 2007. Disponível em: <http://pem.assis.unesp.br/index.php/pem/article/viewFile/3/454>. Acesso em 14 nov. 2021.
- AGUIAR, Joaquim Alves de. O médico historiador e o memorialista. *Novos Estudos*, Cebrap, São Paulo, n. 53, p. 151-165, 1999.
- AGUIAR, Melânia Silva de. No centenário de Pedro Nava, a lembrança de dois encontros memoráveis. *Scripta*, Belo Horizonte, v. 7, n. 13, p. 245-249, 2003. Disponível em: <http://seer.pucminas.br/index.php/scripta/article/view/12517/9829>. Acesso em 24 out. 2021.
- ARRIGUCCI Jr., Davi. Móbile da Memória. In: *Enigma e Comentário: ensaios sobre literatura e*

<sup>7</sup> Em *Território de Epidauro*, Pedro Nava (2003c, p. 47) discutiu a “Posição de espírito do doente em relação ao tratamento, determinado pelo psiquismo profundo”. Dado seu interesse por outras áreas médicas, é natural, notou Vanda Arantes do Vale (2006, p. 103), que nas “[...] Memórias e entrevistas tenha mencionado a importância dos princípios da Psicanálise para sua relação com os pacientes”.

*experiência*. São Paulo: Companhia das Letras, p. 67-111, 1987.

ASSIS, Machado. *Memórias Póstumas de Brás Cubas*. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

BARBOZA, Jaqueline Santos; FELÍCIO, Helena Maria dos Santos. Humanidades médicas e seu lugar no currículo: opiniões dos participantes do Cobem/2017. *Revista Brasileira de Educação Médica*. Brasília, v. 44, n. 1, p. 1-8, 2020. Disponível em:

<http://educa.fcc.org.br/pdf/rbem/v44n1/1981-5271-rbem-44-01-e028.pdf>. Acesso em 07 nov. 2021.

BENJAMIN, Walter. Teses sobre o conceito da História, 1940. In BENJAMIN, Walter. *Obras escolhidas*. Vol. 1. Magia e técnica, arte e política. Ensaio sobre literatura e história da cultura. Prefácio de Jeanne Marie Gagnebin. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, p. 222-232, 1987.

BODEI, Remo. *Generazioni. Età della vita, età delle cose*. Rome-Bari: Laterza, 2014.

BODEI, Remo. *Geometry of the Passions. Fear, Hope, Happiness: Philosophy and Political use*. Translated by Gianpiero W. Doebler. Toronto: University of Toronto Press, 2018.

BUENO, Antônio Sérgio. *Visceras da memória: uma leitura da obra de Pedro Nava*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1997.

CANÇADO, José Maria. *Memórias videntes do Brasil: a obra de Pedro Nava*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

CANDIDO, Antonio. Poesia e ficção na autobiografia. In: *A Educação pela Noite & Outros Ensaio*. São Paulo: Ática, p. 51-81, 1987.

GAMA, Geraldo Guimarães da. Pedro Nava, o Médico. In: NAVA, Pedro. *Território de Epidauro: Crônicas e Histórias da História da Medicina*. 2ª ed. Cotia: Ateliê Editorial, p. 17-36, 2003.

GARCIA, Celina Fontenele. *A escrita Frankenstein de Pedro Nava*. Fortaleza: UFC, 1997.

GARCIA, Celina Fontenele. Pedro Nava e a aquisição de sua identidade cultural. *Revista do Gelne*. Natal, v. 3, n. 1, p. 1-4, 2001. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/gelne/article/view/9188>. Acesso em: 24 out. 2021.

MACIEL, Sheila Dias. Sobre a tradição da escrita de *memórias* no Brasil. *Letras de Hoje*. Porto Alegre, v. 48, n. 4, p. 551-558, out./dez. 2013.

MEZAN, Renato. *O tronco e os ramos: Estudos de história da psicanálise*. 2ª ed. São Paulo: Editora Edgard Blücher Ltda, 2019.

NAVA, Pedro. *A Medicina de Os Lusíadas e Outros Textos*. Cotia: Ateliê Editorial, 2004a.

NAVA, Pedro. *Baú de Ossos*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1974.

NAVA, Pedro. *Beira-Mar*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1979.

NAVA, Pedro. *Capítulos da História da Medicina no Brasil*. Cotia: Ateliê Editorial, 2003a.

NAVA, Pedro. Entrevista concedida a Edimilson Caminha. In: CAMINHA, Edimilson. *Palavra de*

*Escritor*. Brasília: Thesaurus, p. 37-50, 1995.

NAVA, Pedro. *O Anfiteatro: Textos sobre Medicina*. Seleção de Paulo Penido. Cotia: Ateliê Editorial, 2003b.

NAVA, Pedro. Quando vamos pescar uma coisa nesse oceano sem fundo que é a memória, o anzol já vai molhado do presente. [Entrevista cedida a] Lourenço Dantas Motta. *O Estado de São Paulo*. São Paulo, 15 fev. 1981.

NAVA, Pedro. *Território de Epidauro: Crônicas e Histórias da História da Medicina*. 2ª ed. Cotia: Ateliê Editorial, 2003c.

NAVA, Pedro. *Viagem ao Egito, Jordânia e Israel*. 2ª ed. Cotia: Ateliê Editorial, 2004b.

PANICHI, Edina Regina Pugas. A arte transformada em palavras. *Linguística y Literatura*. Medellín, Colombia, n. 79, p. 482-500, 2021. Disponível em:

<https://revistas.udea.edu.co/index.php/lyl/article/view/345999>. Acesso em: 24 out. 2021.

PANICHI, Edina Regina Pugas. Em busca do termo preciso. *Cadernos do CNLF*. Rio de Janeiro: CiFEFiL, v. XV, n. 5, t. 1, p. 528-538, 2011.

PENIDO, Paulo. *O Bicho Urucutum*. Cotia: Ateliê Editorial, 1998.

PENIDO, Paulo. Prefácio. In: NAVA, Pedro. *O Anfiteatro*. Cotia: Ateliê Editorial, 2003, p. 17-21.

RICOEUR, Paul. *O si-mesmo como um outro*. Tradução de Lucy Moreira César. Campinas: Papyrus, 1991.

SANDES, José Anderson Freire. Pedro Nava (1903-1984): De mãos dadas com a entrevista. *Opsis*. Catalão, v. 11, n. 2, p. 167-180, 2011. Disponível em: [13964-Texto do artigo-72409-1-10-20120323 \(2\).pdf](#). Acesso em: 24 out. 2021.

SOUZA, Eneida Maria de. *Pedro Nava, o risco da memória*. Juiz de Fora: Funalfa, 2004.

SOREANU, Raluca. O estilo epistêmico de Michael Balint: “Grupos Balint”, utopias médicas e o legado da Escola de Psicanálise de Budapeste. *Cadernos de Psicanálise*, Rio de Janeiro, v. 40, n. 39, p. 229-250, 2018. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/cadpsi/v40n39/v40n39a12.pdf>. Acesso em: 05 nov. 2021.

VALE, Vanda Arantes do. A Doença nos Escritos de Pedro Nava. In: NASCIMENTO, Dilene Raimundo; CARVALHO, Diana Maul de; MARQUES, Rita de Cássia (orgs.). *Uma história brasileira das doenças. Volume 2*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2006, 92-115.

VALE, Vanda Arantes do. Psicanálise – Memórias e Escritos de Pedro Nava – Uma Introdução. *Psicanálise & Barroco em Revista*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 1, p. 74-86, 2007.

Disponível em: <https://doi.org/10.9789/1679-9887.2007.v5i1.74-86>. Acesso em: 9 nov. 2021.

VASCONCELLOS, Eliane; SANTOS, Matilde Demétrio dos. Escritos epistolares, utopia e arquivos. Pedro Nava e Drummond em *Descendo a Rua da Bahia. Eixo e a Roda*, Belo Horizonte,

**Maria Alice Ribeiro Gabriel. Obras e “reminiscências médicas” de Pedro Nava**

v. 27, n. 1, p. 11-24, 2018. Disponível em: [13619-1125613471-1-PB.pdf](#). Acesso em: 24 out. 2021.

VASCONCELLOS, Eliane. Inventário do Arquivo Pedro Nava. Rio de Janeiro: Edições Casa de Rui Barbosa, 2001.

ZACHAREWICZ, Fernanda; FORMIGONI, Maria Cláudia. Os primeiros psicanalistas: Atas da Sociedade Psicanalítica de Viena. *Jornal de Psicanálise*, São Paulo, v. 48, n. 89, p. 309-312, 2015.

Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/jp/v48n89/v48n89a24.pdf>. Acesso em: 07 nov. 2021.